



**MARESSA CRISTINA GONÇALVES VASCONCELOS**

**DESNATURALIZAR A NOÇÃO DE GÊNERO: UM ESTUDO  
SOBRE O DEVIR FEMININO A PARTIR DE PRODUÇÕES  
LITERÁRIAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**LAVRAS - MG  
2023**

MARESSA CRISTINA GONÇALVES VASCONCELOS

**DESNATURALIZAR A NOÇÃO DE GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE O DEVIR  
FEMININO A PARTIR DE PRODUÇÕES LITERÁRIAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Letras - Português/Inglês, para a  
obtenção do título de Licenciada.

Profa. Dra.: Larissa da Silva Lisboa Souza  
Orientadora

**LAVRAS -MG  
2023**

**MARESSA CRISTINA GONÇALVES VASCONCELOS**

**DESNATURALIZAR A NOÇÃO DE GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE O DEVIR  
FEMININO A PARTIR DE PRODUÇÕES LITERÁRIAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**DENATURALIZING THE NOTION OF GENDER: A STUDY ON BECOMING  
FEMALE FROM AFRICAN PORTUGUESE-LANGUAGE LITERARY  
PRODUCTIONS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Letras - Português/Inglês, para a  
obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em 01/12/2023

Dra. Larissa da Silva Lisboa Souza - UFLA

Ma. Ana Carolina Campos de Carvalho - UFMG

Ma. Estefânia Francis Lopes - USP

Profª. Dra.: Larissa da Silva Lisboa Souza  
Orientadora

**LAVRAS  
2023**

*Este trabalho é dedicado a todes  
aqueles que ainda acreditam que  
tudo pode vir a ser.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, aos meus guias espirituais que me possibilitaram o atravessamento de mais esta jornada, com todos os desafios e dificuldades que se colocam nos nossos caminhos diariamente.

Agora, em especial, a João e Márcia, papai e mamãe, que se desdobraram desde o meu nascimento para cumprirem com a responsabilidade de me formar humana e, mais que isso, por serem os meus maiores motivadores para continuar a perseguir os meus sonhos. E, a você, vovó Aurora, minha matriarca, por me ensinar a linguagem do amor da forma mais honesta que eu poderia ter experimentado.

Agradeço à minha professora e orientadora, Larissa Lisboa, por todos os ensinamentos e pelas palavras de incentivo. Você, professora, foi um presente para mim, desde o primeiro momento em que pisou os pés nesta Universidade - não é à toa que não perdi tempo em solicitar a sua orientação. Gosto de pensar que a sua chegada e a sua permanência rompeu e continua rompendo estruturas, pensamentos e ideias antes não questionadas e não revistas aqui, dentro de mim. Sou grata por isso.

Aos meus amigos, Malu, Luísa, Carlos, Maira, Mari, Vitória, Bianca, Kamila, Jéssica, Gabriel, Ana M. e aos demais; aos companheiros do Movimento Estudantil e aos companheiros do Centro Acadêmico de Letras, devo a vocês toda a minha gratidão pela partilha de saberes, de afeto e de acolhimento. Com vocês, aprendo a me (re)educar todos os dias.

Aos meus demais familiares, meu muito obrigada pela força e pela união. É em nossas disfuncionalidades e em nossas falhas que eu me reconheço pertencente ao lugar que me criou e que me constituiu sujeita para o mundo. Aos que partiram, vovô Antônio e o primo Cláudio, é com muito carinho e saudade que grifo o nome de vocês neste texto.

A todos os professores que passaram pela minha vida, desde o ensino básico ao superior, a começar pela professora Carol, uma de minhas precursoras, por ter me possibilitado a reflexão crítica, catártica e poética sobre o mundo por meio da literatura. Depois, aos professores da graduação, sobretudo, Gasperim Ramalho e Márcia Amorim, obrigada pela coragem de nos ensinar a disputar as nossas próprias narrativas em todos os espaços, principalmente dentro da Academia. Sou o que sou, porque professor não existe sem aluno, e ainda bem que sou fruto dessa coautoria.

Agradeço também a todos os profissionais que, à serviço da Educação, passaram por mim.

E, por fim, mas não menos importante, à Universidade Federal de Lavras, por ter me possibilitado vivenciar tudo o que a Universidade Pública tem a oferecer.

(...) *Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença - aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas - **sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica.** É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando de fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer (Audre Lorde, 2020).*

## RESUMO

O presente trabalho tem como ponto de partida o estudo das produções literárias africanas de língua portuguesa da primeira metade do século XX, especificamente de Moçambique e Cabo-Verde, para análise de diferentes perspectivas do feminino. A partir do arcabouço teórico historiográfico, em que as primeiras décadas são compreendidas enquanto ideologias protonacionalistas (ANDRADE, 1970), o estudo propõe um olhar sobre suas especificidades de gênero, particularmente quanto à construção do feminino na poesia e na prosa, na observação de diferentes pontos de vista dos artistas, em que a teoria pós-colonial será importante suporte. Para tanto, a pesquisa buscou analisar a obra “O livro da dor (cartas de amor)”, do moçambicano João Albasini, publicado em 1925, as crônicas do moçambicano José Albasini publicadas no Jornal “O Brado Africano” na década de 30, posteriormente reunidas em formato de livro por César Braga-Pinto, sob o título de “À Procura de Saúde: Crônicas de um doente”, em 2015; além de dois poemas publicados na primeira edição da revista cabo-verdiana, intitulada “Clareza”, em 1936.

**Palavras-chave:** Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Representação do feminino; Autoria masculina; Moçambique; Cabo-Verde.

## ABSTRACT

The present work has as its starting point the study of Portuguese-speaking African literary productions from the first half of the 20th century, specifically from Mozambique and Cape Verde, to analyze different perspectives of the feminine. Based on the historiographical theoretical framework, in which the first decades are understood as protonationalist ideologies (ANDRADE, 1970), the study proposes a look at their gender specificities, particularly regarding the construction of the feminine in poetry and prose, in the observation of different artists' points of view, in which post-colonial theory will be an important support. To this end, the research sought to analyze the work “O Livro da Dor (cartas de amor)”, by Mozambican João Albasini, published in 1925, the chronicles by Mozambican José Albasini published in the newspaper “O Brado Africano” in the 1930s, later collected in book format by César Braga-Pinto, under the title “In Search of Health: Chronicles of a Patient”, in 2015; in addition to two poems published in the first edition of the Cape Verdean magazine, entitled “Claridade”, in 1936.

**Keywords:** Portuguese-language African Literatures; Representation of the feminine; Male authorship; Mozambique; Cape Verde.

## SUMÁRIO

<b>1. DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E IMPRENSA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>11</b>
<b>2. ARMADILHAS IDENTITÁRIAS EM CONFLITO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE “O LIVRO DA DOR” DE JOÃO ALBASINI</b>	<b>15</b>
<b>3. EDUCAÇÃO E POLIGAMIA: UM PROJETO DE DOMESTICAÇÃO DO CORPO FEMININO</b>	<b>20</b>
<b>4. A AMPLA PÉLVIS DETERMINA A MULHER PARA A MATERNIDADE: A (RE)PRODUÇÃO DE UMA CABO-VERDIANIDADE-FILHA</b>	<b>24</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UM LUGAR EM QUE AS BARREIRAS COLONIAIS NÃO NOS REDUZA À INSTÂNCIAS FIXAS</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>28</b>

## 1. DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E IMPRENSA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao observar a complexidade que produções literárias africanas de língua portuguesa possuem em um sistema literário no qual a tradição é majoritariamente ocidental, a investigação das referidas literaturas, pertencentes aos países colonizados por Portugal (Moçambique, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), vem se revelando cada vez mais construtiva e crescente. Entretanto, é sabido que, historicamente, tais produções transitaram do estatuto colonial ao pós-colonial, evidenciando estratégias de resistência e luta que persistem até hoje. Nesse sentido, a literatura produzida nesses cinco países passou por diferentes fases de criação em decorrência dos percursos vivenciais históricos, políticos e sociais a que foram submetidos. No entanto,

(...) ainda que as periodizações sejam importantes à constituição da história literária, pela possibilidade de um diálogo com a História de um país, além de uma interessante ferramenta ao ensino, suas generalizações escamoteiam as particularidades e controvérsias de cada momento, resultando no silenciamento de alguns textos, para que outros se tornem os protagonistas cronológicos que serão estudados (SOUZA, 2019, p.50).

A partir da observação dessas particularidades, embora já existissem registros de produções literárias antes mesmo do surgimento da imprensa nos países citados, é evidente que no século XIX, a literatura ainda era um objeto artístico-cultural concentrado nas mãos de uma minoria letrada; uma vez que os arquivos e as bibliotecas nacionais tinham suas coleções muito limitadas (ROCHA, 2000). Então, só mais tarde, com a chegada da imprensa em Moçambique, que se começa a desenvolver uma sistematização do material produzido, resultado de uma investigação rigorosa e exaustiva de jornalistas. Vale destacar que a imprensa iniciou seus trabalhos a partir da instalação do *Boletim Oficial* em 1854. Contudo, é somente em 1908, por meio do trabalho dos irmãos José Albasini e João Albasini, escritores e jornalistas moçambicanos, que se terá o lançamento do primeiro jornal contestatário no país, intitulado *O Africano* (1908-1920). É interessante observar as considerações de Valdemir Zamparoni sobre essa classe social e política em formação nesse momento histórico:

Não se trata de uma classe cristalizada, com consciência e um fim determinado a ser atingido, mas de um processo de construção no devir histórico; define-se paulatinamente no enfrentamento das condições coloniais, no qual se insere como uma das forças atuantes. Sua posição nesta estrutura social, se não lhe permite ver a totalidade do sistema de dominação colonial, ao menos possibilita-lhe perceber as práticas mais brutais deste sistema, lutar contra as mesmas e elaborar um projeto social distinto. Longe de ser monolítica, comporta latentes contradições que emergem consoante os distintos níveis e formas com que são atingidos os indivíduos

que a compõem, diante dos conflitos sociais vivenciados na situação de colonizados (ZAMPARONI, 1998, p.392).

No entanto, é importante ressaltar que, ao considerar as políticas de assimilação<sup>1</sup> nos territórios africanos, as pessoas que ocupavam as elites econômicas é que eram as selecionadas para serem assimiladas à cultura portuguesa. Elas recebiam educação e oportunidades para ocupar cargos administrativos e políticos na colônia. Em contrapartida, essas políticas eram limitadas a uma pequena parcela da população e serviam como uma forma de controle e legitimação do poder colonial. Por conseguinte, “as mulheres inseridas nesse contexto não possuíam o mesmo acesso que os homens, apesar de estarem na mesma condição de subalternização, ou seja, o processo colonial foi diferenciado por sexo, na medida em que os colonizadores eram machos e usaram a identidade de gênero para determinar a política” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 186).

Na guinada para o universo literário, ao tratar-se das obras artísticas produzidas pelos irmãos Albasini, nota-se uma certa semelhança no que diz respeito ao imaginário construído sobre o feminino. Imaginário esse que se produz a partir de uma memória discursiva pautada em um conjunto de estratégias e dispositivos reguladores das mulheridades existentes, uma vez que relega a experiência de ser mulher a predestinados lugares comuns, tais quais o do masoquismo; o da histeria, o da função reprodutora, etc., como se todas possuíssem uma experiência única e universalizante.

Desse modo, a publicação de *O livro da dor* (1925), de João Albasini, e *À Procura de Saúde Crônicas de um Doente* (1935), de José Albasini,, na contramão da tendência jornalística, passam a ser consideradas obras precursoras na literatura moçambicana, ainda que a historiografia literária inicie a trajetória a partir da *Revista Claridade* (LARANJEIRA, 1997). Diante desse cenário, pretende-se analisar produções literárias anteriores à *Claridade* para demonstrar que há textos literários interessantes não apenas à discussão sobre a literatura, bem como as imagens do feminino que são produzidas.

Dito isso, um importante instrumento de busca e autoafirmação da identidade cabo-verdiana é a *Revista Claridade* (1930-1960). Revista essa que representa um fenômeno de transformação do paradigma estético-literário nas culturas africanas perante a cultura do colonizador. Dessa forma, na década de 1930, surgiu o Movimento Claridoso, que assinalou o início do modernismo em Cabo Verde. Esse movimento intelectual tinha como objetivo

---

<sup>1</sup> O termo “assimilação” é apresentado por Larissa Lisboa Souza (2015) da seguinte forma “(...) missão civilizadora de Portugal nos países africanos era assimilar os sujeitos para que pudessem se integrar às ideologias da metrópole, mas deixando claro que eram *assimilados*, e não portugueses, visto que as medidas integralizadoras ainda carregavam a relação explorador *versus* explorado” (SOUZA, 2015, p.54).

destacar a supremacia de uma cultura nacional, a cabo-verdiana, e contou com figuras proeminentes como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Antonio Aurélio Gonçalves, Teixeira de Souza e Gabriel Mariano.

Para esses escritores, o Movimento Claridoso foi fundamental como prenunciador do florescimento de uma literatura cabo-verdiana autônoma e representou um importante marco na busca pela expressão genuína da identidade cultural do arquipélago, possibilitando que os escritores explorassem temas, linguagens e perspectivas intrinsecamente ligadas à realidade de Cabo-Verde. Ao abraçar suas raízes culturais e históricas, os autores puderam construir narrativas únicas e autênticas, lançando as bases para a consolidação de uma literatura local com voz própria e reconhecimento internacional. Essa virada no discurso e na estética foi possível em virtude do viés contestatório e inconformista da imprensa que, em consonância com Modernismo Brasileiro, haja vista sua grande influência, possibilitou a reivindicação de uma "cabo-verdianidade", anteriormente desdenhada.

Nesse passo, objetiva-se, com esse trabalho, realizar uma análise acerca das obras citadas, observando, pois, como esses primeiros textos literários de autoria masculina, datados das décadas de 20 e 30 do século XX, trabalham com a questão das representações do feminino - tentando entender se esses textos, ainda que progressistas, quanto à perspectiva das identidades africanas, também são progressistas quanto à imagem sobre a mulher.

Entretanto, é importante ressaltar que houve e ainda existem discrepâncias políticas, sociais e econômicas quanto às interseccionalidades que atravessam essas mulheres quando consideramos a variedade de experiências humanas a que foram submetidas. Nesse sentido, se faz indispensável construir uma análise acerca do feminino que seja capaz de atender a amplitude de realidades que permeiam as vivências dessas mulheres, de modo a não procurar alcançar a(s) sua(s) totalidade(s), uma vez que são múltiplas, e, sim, procurar por espaços onde seja possível o navegar das fissuras e das discontinuidades de cada sujeito, entendendo, pois, que o conceito de identidades não implica em um estanque identitário, mas justamente em seu eterno devir (HALL, 2003).

De acordo com Zamparoni (1997), a partir da discussão da teórica Elizabeth Schmidt (1992),

Nesta sociedade de colonos, afirma a autora, dominada pela moral sexual vitoriana, a virginal mulher europeia era colocada no pedestal, enquanto a mulher africana era reputada como tentadora, encarnava instintos "selvagens" como sensualidade e luxúria e se constituiria no objeto secreto dos desejos sexuais dos homens brancos. Nesta perspectiva, as mulheres europeias agiam como guardiãs da civilização e dos privilégios dos brancos e assumiam a responsabilidade primordial de defender a "dignidade" e o "prestígio" do Império, mantendo a necessária distância social entre governantes e governados. (ZAMPARONI, 1997, p.224).

Já é consenso que a representação do(s) feminino(s) na cena literária, de modo geral, passou por uma trajetória marcada por discursos hegemônicos fundados em narrativas essencialistas sobre a mulher. É importante pensar nesta questão levando em consideração a logística sobre a qual o sistema patriarcal opera, uma vez que o silenciamento imposto aos corpos femininos ou feminilizados constrói padrões e normas que ditam suas subjetividades e corporeidades no mundo.

Uma grande contribuição para se pensar no conceito de patriarcado resulta das obras da socióloga brasileira Heleieth Saffioti. As pesquisas de Saffioti (1987; 2004; 1992) sobre o conceito estão em consonância com as teorias de Pateman (1993) e Walby (1990), ao analisar que o patriarcado não é uma relação privada, mas civil que oferece aos homens direitos sexuais sobre as mulheres. A socióloga afirma que o patriarcado se configura como um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços da sociedade, e que, além disso, tem uma base material pautada na ideologia da violência (SAFFIOTI, 2004).

Patriarcado pode ser entendido, então, como um sistema com estruturas que se modificam ao longo do tempo e que perpassa as relações de raça/etnia e de classe, percorrendo assim diversas dimensões da vida, tais como o trabalho remunerado, o trabalho não remunerado, o Estado, a sexualidade e as instituições culturais. Dessa forma, entendemos que o patriarcado é histórico, político e cultural, e que, portanto, se transforma com o tempo.

Nessa direção, ao tomar consciência da perspectiva do patriarcado nas sociedades africanas da primeira metade do século XX, o presente estudo se fará a partir da análise das representações do feminino em três obras artísticas - *O livro da dor* de João Albasini, *À Procura de Saúde Crônicas de um Doente* de José Albasini e a *Revista Claridade* - na tentativa de observar se as perspectivas progressistas quanto à resistência ao colonialismo, baseadas na ideia de protonacionalismo (ANDRADE, 1997), se dão - também - quanto às imagens do feminino construídas.

## **2. ARMADILHAS IDENTITÁRIAS EM CONFLITO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE “O LIVRO DA DOR” DE JOÃO ALBASINI**

Para fins de contextualização, João dos Santos Albasini (1876 -1922) é escritor e jornalista; nascido na antiga São Lourenço (capital de Moçambique), hoje chamada de Maputo; juntamente com seu irmão José Albasini (1878 -1935), também escritor e jornalista, discutem, a emergência da criação de uma imprensa que questionasse, por exemplo, as condições precárias de trabalho nas minas de ferro e a diminuição da população masculina

local em decorrência das guerras pela independência, ou seja, a finalidade dos jornais era, sobretudo, de reivindicar os interesses da população marginalizada contra as formas de opressão e discriminação impostas pelo colonialismo português.

Assim, a imprensa irá exercer, então, uma “ação constante de luta, denúncia e crítica da ação colonial” (ZAMPARONI, 1988, p. 79). Mais adiante, os irmãos Albasini vão fundar, em 1919, o Jornal *O Brado Africano* (1918), que foi considerado o jornal cujos principais escritores de Moçambique começaram a publicar seus textos. De acordo com Ilídio Rocha (2000), este periódico dirigia-se, diretamente, à população mestiça alfabetizada e aos poucos negros que soubessem ler ou brancos que se interessassem por suas informações e polêmicas.

Por outro lado, embora a imprensa moçambicana adotasse um viés intervencionista, quando observamos os incômodos dos jornalistas ao realizarem seus protestos locais, podemos entendê-la como uma imprensa “protonacionalista” (ANDRADE, 1997), uma vez que não ainda demonstrava recusa à cultura portuguesa e tampouco à colonização. Entretanto, em uma época na qual quase não se questionava, a existência dessa tipografia já poderia ser considerada um avanço progressista. Mário Pinto de Andrade (1997), a respeito do protonacionalismo, constata que:

[...] na generalidade, e encarado sob o ângulo unitário, o protonacionalismo abrange o período histórico de emergência de um discurso que se distingue pelo seu triplo carácter fragmentário (no pensamento e na acção), descontínuo (na temporalidade) e ambivalente (no seu posicionamento face ao sistema colonial)” (ANDRADE, 1997, p.77).

Ainda na esteira de Mário Pinto de Andrade, ainda que ele, ensaísta angolano, estivesse mais associado à luta política pela independência de Angola, ou seja, ao MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), os escritores africanos desse período histórico compartilharam ideais de nacionalismo e de identidade semelhantes. Logo, entretanto, o discurso é influenciado pelas ideias dos doutrinários portugueses, posto que, os protonacionalistas introduzem nele duas demandas essenciais. Primeiro, eles expressam um forte sentimento de pertencimento ao universo africano, manifestando orgulho dessa “conexão” cultural e histórica. Por outro lado, eles reivindicam o reconhecimento de um estatuto legal, social e político como cidadãos africanos portugueses. Essas duas demandas formam a base central que sustenta todo o discurso protonacionalista (ANDRADE, 1990, p. 10,11).

Tratando-se de João Albasini, ainda que ele fosse referência no campo jornalístico, haja vista a relevância dos jornais em que ele foi redator, conforme já mencionado, no campo literário, entretanto, ele não obteve o mesmo prestígio, uma vez que até hoje poucas pesquisas tomam *O livro da Dor* como objeto de análise literária.

Ao tomar consciência dessa situação, é publicada, postumamente, sua primeira e única obra artística intitulada *O Livro da Dor* em 1925, embora tenha sido escrita em 1917. Em seus escritos, fica evidente uma abordagem de temas relacionados à vida cotidiana da população sob o domínio colonial; os problemas administrativos impostos por Portugal em Moçambique e a condição dos nativos colonizados.

Ora, o livro é uma obra moçambicana cuja estrutura se configura a partir de um conjunto de cartas de amor dirigidas a uma mulher. O texto narra a temática do sofrimento amoroso, amor esse regado, piegasmente, de sentimentos e emoções que vão além dos limites existenciais, uma vez que a não concretude desse afeto poderia significar a morte para o narrador personagem ainda que ele tenha morrido por motivos de saúde, a tuberculose: “(...) Há-de ler, porque estas notas a que chamo de *a noite da minha vida* - endereçadas a ti - sem todavia indicar o teu nome para que nem minha Mãe nem os meus filhos saibam, suspeitam sequer quem foi que tam barbaramente me assassinou (ALBASINI, 1925, p. 19)”. Dessa forma, movido pelos impulsos do coração e pela intensa busca por sua realização amorosa, o remetente se empenha arduamente para convencer sua amada de que suas intenções com ela são as melhores possíveis, utilizando-se, para essa finalidade, de uma retórica insistente e persuasiva. Para complementar, nas palavras de Francisco Noa (2014),

João Albasini vai escrever um livro, que será publicado postumamente, que é, do meu ponto de vista, um livro emblemático da emergência da literatura moçambicana, que é *O Livro da Dor*, que surge em 1925. É um livro do gênero epistolar, curiosamente muito ligado ao imaginário do ultrarromantismo europeu que, como sabemos, é o último vestígio do romantismo do século XIX no Ocidente. É um romantismo exacerbado, que está muito presente sintomaticamente na escrita do João Albasini, e essa preocupação também do gênero epistolar, que também esteve muito em voga na estética romântica, mostra muito bem esta ligação entre esses autores, essas elites, com o imaginário do Ocidente (NOA, 2014, p.2)

Além disso, no que diz respeito ao enredo da narrativa, a obra enuncia, desde a primeira carta, o desalento amoroso sofrido pelo narrador que, ao que tudo indica, trata-se da *dor* da rejeição sentida pelo próprio João Albasini. Diante dessa face autobiográfica, Albasini revela várias marcas de sua vida íntima ao leitor, seus excessos do passado; seus desejos para com a tal mulher; sua infelicidade em relação ao seu casamento e até mesmo uma forte preocupação com sua integridade pessoal em relação à sociedade.

Logo, ao perceber os sinais da rejeição, há uma ruptura na postura do escritor quando esse começa a questionar as razões pelas quais sua amada não corresponde aos seus afetos. A partir deste momento, há, então, uma virada no discurso, ora de enaltecimento da pretendente, e, depois, de embrutecimento de sua imagem, por conta da negação sofrida.

Desse modo, sua total devoção ao amor é assentida com muito ódio e desprezo, dado que suas lamúrias sequer sensibilizam a mulher estimada e, muito embora ele recorresse ao plano espiritual em determinados momentos em busca de libertação desse grande sofrimento, nada surtia efeito na sua vida amorosa.

Percebemos, então, que a aparição da personagem a quem as cartas são endereçadas, mostra-se, na narrativa, de uma maneira contraditória e ambígua. Primeiro porque, ao descrevê-la, ele apela para uma típica caracterização da mulher, cuja interdição, baseada no olhar masculino, se apresenta de maneira fatal, em que a beleza, os valores e os princípios são inestimáveis, até mesmo, em certos momentos, parecem ser inquestionáveis; e, mais ainda, ela é, para ele, aquela mulher que, tal como nos padrões (ultra)românticos, é irresistível, inalcançável e, certamente, aquela que é ideal para um homem; afinal, segundo o próprio Albasini, “ninguém foge a seu destino” (IDEM p.18), no sentido de, mais uma vez, reforçar uma certa sedução e selvageria inerente à natureza feminina que é indomável ao desejo masculino.

Por outro lado, essa mesma personagem, a priori, retratada como um ser divinal e sobejamente idolatrada, a posteriori, é descrita como um ser malicioso e cruel: “És mulher e mulher má. Brincaste apenas comigo” (IDEM, p.40), demonstrando uma visão masoquista e oscilante a respeito do caráter feminino, como se ser mulher estivesse diretamente ligado ao fenômeno do sadismo. Sobre isso, Nunes (2000) formula a ideia de que o masoquismo estaria na essência do sexo feminino e que a subordinação ao homem é um fenômeno quase normal, procurado pela verdadeira mulher.

A produção discursiva dessas contradições narrativas constrói uma dupla imagem do feminino projetada na figura de Micaela Loforte. Micaela é nomeada aqui, mas seu nome não é revelado nas cartas de maneira explícita; apenas a sua inicial “M...” é mencionada algumas vezes. Para compreender melhor a história de Micaela foi realizada uma busca em pesquisas mais recentes. Dessa forma:

Os poucos dados que temos desta moça nos dizem que ela pertencia a família Loforte. Seu avô, João Augusto Pereira Loforte (conhecido entre os nativos por Nyafokwe), nasceu na Vila Alma em 1820. Foi nomeado feitor da fazenda nacional na vila Inhambane em 16 de outubro de 1847 e exonerado em 3 de setembro de 1857, pois um ano antes tinha pedido que fosse nomeado diretor da alfândega de Inhambane. Em 1877 foi nomeado presidente da câmara municipal de Inhambane,

cargo que desempenhou até a sua morte em 1882. (...) Foi casado com Delfina de Souza Teixeira(1831-1872), e um dos seus filhos, Jóse Loforte foi pai de Pedro Loforte e Micaela Loforte. (NHAMONA, 2016, p.31).

Assim, é interessante observar como a ambiguidade de representações, produzidas pelo autor, evoca uma memória discursiva relativizadora e, biologicamente, gentrificada das subjetividades do constructo “mulher”. Conforme Judith Butler (2003) afirma, gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A partir dessa conceituação, é possível perceber como a retratação da ambígua personalidade da destinatária recrudescer um imaginário de feminilidade imposto por uma estrutura de poder que opera por meio da coerção e da regulamentação de corpos e de identidades, reforçando assim uma concepção binária e hierárquica de gênero.

Ao analisar a epígrafe da obra, nos é apresentado um trecho no qual se faz referência ao livro *Palavras Cínicas* (1905) do escritor Albino de Forjaz Sampaio, revelando, desde já, o profundo sofrimento amoroso sofrido pelo remetente: “Amei-te rude e loucamente, com fé, com ardor. Fui desamado sempre, desmerecido, pisado”. Para tanto, publicadas em 1905, as oito cartas de Sampaio, provocaram escândalos e aplausos em Portugal, porque por meio de frases de impacto, expressou o seu desalento perante uma moral cristã falha, cujas consequências foram a inversão de valores e a hipocrisia que impregnava a sociedade portuguesa de então (NHAMONA, 2016). A partir da leitura dessa epígrafe, fica evidente a influência de Sampaio para a escrita epistolográfica de Albasini, uma vez que em ambos existe uma entrega ao amor que é respondida com repúdio e vexação por parte da destinatária.

No que se refere à dualidade entreposta entre ele, “homem lial e sincero que sempre fui(p.2)”, e acrescento, jornalista elegante, intelectual, e de outro lado, ela; “solteira, inteligente, ilustrada, alegre e boa rapariga (ALBASINI, p.35)”; “uma doente, predestinada” necessitada de um “disvêlo de pai (IDEM,p.33)”, reforça, a partir da visão do autor, a construção de um ideal de masculinidade que, tal como no patriarcado, corrobora para a posição frágil da mulher que precisa do cuidado masculino para se sentir completa e segura, colocando-a num estado de dependência da figura de um homem. “Essa fraqueza feminina seria ao mesmo tempo a comprovação da necessidade do casamento para o sexo feminino, devido a proteção que a relação com um homem pode lhe oferecer (NUNES, 2000).”

Entretanto, ao passo que o narrador se reconhece enquanto um homem prodigioso e honrado, também se reconhece num passado infame que, nas palavras dele, se comprova a

partir do seguinte trecho: “(...)confesso que em mim sempre residiu, apesar da fama horrível de desmoralizado e malandro, um fundo de castidade e de respeito por toda a gente. Nunca manchei ninguém que fosse susceptível de mancha, nunca seduzi ninguém (IDEM, p.27)”. Ou seja, embora tenha ele vivido um passado “desregrado”, sua moral e sua dignidade não foram atingidas, ora, afinal, ele é um homem, um homem de bem (vide o cargo que ocupa na elite moçambicana, embora na condição de homem assimilado).

Portanto, a construção do imaginário alicerçado pela ética da “mulher má”, assinalada pelo autor, subverte a lógica anteposta à ética da mulher amável e bondosa. Logo, esse quadro de histeria, se assim pode ser entendido, expresso pelo olhar dele, manifesta também uma condição de desequilíbrio relegada à mulher que consegue tão somente dizer “não”, ainda que no interdito silêncio, como Micaela o fez ao escolher não responder todas as suas cartas. Revoltado com essa postura “maliciosa” e “cruel”, Albasini afirma: “*as mulheres não valem o tormento que espalham* (em itálico mesmo, como se estivesse escrevendo uma citação)” (IDEM,p.20). A partir desse enunciado, genericamente, maximizadora das mulheridades, é que se percebe o enraizamento de um discurso patologizante, sintoma de uma cultura misógina e, conseqüentemente, masoquista, na qual, mais uma vez, reforça a natureza perversa da mulher quando essa decide exercer o legítimo domínio sobre seu o próprio corpo e seus desejos.

### **3. EDUCAÇÃO E POLIGAMIA: UM PROJETO DE DOMESTICAÇÃO DO CORPO FEMININO SOB O OLHAR DE JOSÉ ALBASINI**

*Se a vida e obra de João Albasini têm sido objeto de rigorosos estudos de alguns poucos historiadores, a biografia e a carreira de José aparecem apenas marginalmente na história do jornalismo moçambicano e do Grêmio<sup>2</sup>*

Ainda que a obra de José Albasini ocupe um lugar ainda menos acessado pelos estudos em literatura do que a de seu irmão, *À Procura de Saúde: Crônicas de um Doente* (1935) carrega um importante papel para a historiografia e na crítica literária, haja vista a relevância de seus escritos para compreender a realidade vigente em Moçambique; o avanço dos discursos progressistas no que diz respeito aos movimentos pioneiros nos ideais nacionalistas;

<sup>2</sup> Trecho retirado do prefácio da obra *À Procura de Saúde: Crônicas de um Doente* (1935), de José Albasini, escrito e organizado por César Braga-Pinto.

o enfrentamento de sua enfermidade e sua relação com as medicinas tradicional e a ocidental e, sobretudo, o que constitui o corpus dessa pesquisa, o constructo social envolto sobre a mulher, a mulher moçambicana no século XX. Além disso, é interessante observar como o cronista oferece uma visão íntima e poderosa das lutas e triunfos enfrentados por um sujeito em meio a desafios salutares durante o processo de colonização de seu país.

Todavia, embora o objeto central de suas crônicas seja a relação de José com o seu sofrimento patológico, enquanto o leitor prevê que, com este cenário, encontrará um conteúdo denso e trágico sobre a vida, engana-se. O ritmo acelerado das crônicas, enquanto uma narrativa despreziosa, bem característica do gênero, demonstra um discurso solto, divertindo quem as lê (SOUZA, 2019), utilizando-se de recursos estéticos e figuras de linguagem, como a ironia, para isso. Igualmente, por meio de suas crônicas, ele explora sua habilidade de estudar as complexidades da condição humana em um contexto de profundas transformações políticas e sociais no pensamento do intelectual assimilado.

O autor narra, assim, sua história de vida *à procura de saúde*, bem como a sua trajetória enquanto ativista e intelectual no passado moçambicano, possibilitando ao leitor uma série de reflexões sobre as tensões coloniais do período (SOUZA, 2019), bem como reflexões significativas sobre o reencontro com suas memórias pessoais e coletivas (ancestralidade) ao longo de suas viagens pelo interior de Moçambique, encontros esses, ora dramáticos, ora bem-humorados, como afirma o sociólogo e professor Braga-Pinto(2015). Dando continuidade, nas palavras do referido estudioso, alguns assuntos são tema de suas narrativas, tais como:

(...) o sistema legal na colônia (do qual, tendo sido preso, ele próprio é vítima), a censura à imprensa, o câmbio local, o monopólio norte-americano da gasolina, o estado da economia, da agronomia e da pecuária, o celibato dos padres católicos e o papel dos missionários suíços, o abuso de poder pelos administradores locais e a exploração dos pequenos agricultores ou, no registro mais autobiográfico, como conheceu Estácio Dias e o papel deste em o Brado Africano (BRAGA-PINTO, 2015, p.21).

Nesse sentido, o autor destila sua experiência de adoecimento diante da tuberculose, epidemia que assolava muitas pessoas na época, inclusive sua família, como é o caso de seu irmão João Albasini, que morreu da mesma causa. Em sua obra, constituída de doze crônicas, é explorada não apenas os aspectos físicos, mas também os impactos emocionais e psicológicos que acompanham tal travessia. Assim, à medida que acompanhamos o protagonista em sua busca por bem-estar, somos imersos em uma narrativa que revela não apenas os desafios da doença, mas também a resiliência, a esperança e a força interior que podem emergir em momentos de adversidade. *À Procura de Saúde: Crônicas de um Doente*

não apenas consolida a maestria literária de José Albasini, mas também oferece uma exploração profundamente humana da jornada de um indivíduo em busca de equilíbrio e cura pelo interior de Moçambique. Para o escritor Braga-Pinto(2015),

“À Procura de Saúde”, até agora inédita em livro, é particularmente relevante não somente pela sua qualidade literária – que, adianto, é extraordinária – ou porque estava “perdido” ou “esquecido” nas páginas dos jornais, mas sobretudo porque ele trata justamente da memória (pessoal e coletiva) e, também, de formas e práticas de memorialização. Tal texto, sugiro, articula o desejo de uma reatualização arquivística *salutar*, ou seja, busca o restabelecimento do corpo e do corpus moçambicano, apontando para uma aproximação entre as práticas de atualização do repertório e a política de interpretação do arquivo.

Outrossim, José Albasini, conhecido também pelo nome de "Bandana" em língua ronga, desempenhou um papel ativo na administração do Grêmio Africano e na direção do jornal *O Africano*, no qual compartilhou seus escritos. Um aspecto intrigante notado em nossas pesquisas é que os textos assinados sob o pseudônimo Bandana aparecem exclusivamente em ronga, desde a edição inaugural do jornal em 25 de dezembro de 1908.

César Braga-Pinto (2015) observou que, enquanto João Albasini tem despertado o interesse de alguns estudiosos, a biografia de seu irmão, José, recebe menos atenção na história do jornalismo, na literatura moçambicana e no contexto do Grêmio Africano de Lourenço Marques (BRAGA-PINTO, 2015, p. 14). Quanto à sua vida pessoal, é sabido que atuou como caixeiro comercial e, semelhantemente a João Albasini, assumiu o papel de despachante na capital colonial (ZAMPARONI, 1998, p. 400).

Tendo em vista a noção de representação como um dos elementos de grande importância no âmbito dos estudos literários, especialmente nos estudos de gênero, ao ler mais atentamente a crônica I, da obra em análise, José Albasini apresenta uma perspectiva que, em alguns aspectos, pode ser interpretada como um reforço do pensamento patriarcal sobre o feminino, assim como no texto analisado de João Albasini, especialmente no que diz respeito ao modo como o autor aborda os relacionamentos conjugais/afetivos entre os homens e as mulheres.

Cabe salientar que embora o escritor tenha contribuído para o jornalismo moçambicano de maneiras significativas, é crucial reconhecer que, em alguns momentos, seus escritos podem refletir uma visão enraizada de valores patriarcais que muito recrudescem estereótipos relacionados à mulher. Um exemplo visível disso é o tratamento das relações entre homens e mulheres, cujo homem é retratado como aquele que se dispõe do poder de possuir várias mulheres, conforme trecho: “(...) Aqui foi-me apresentado um maometano que

tem seis mulheres e trinta filhos. Confesso que quanto aos filhos não lhe invejo e quanto às mulheres, já fui também um apaixonado pela religião que permite ter-se portas adentro 5 ou 6 mulheres(...) (ALBASINI, p, 28)”. Esse excerto discursa sobre uma perspectiva conservadora e objetificadora das mulheres, reduzindo-as ao papel da propriedade masculina e/ou das recompensas que um homem pode acumular. Essa dinâmica de posse e controle do corpo feminino perpetua a visão patriarcal e tradicionalista quando pensamos nos vínculos hétero-afetivos, visto que a poligamia, prática culturalmente disseminada em Moçambique, cujo objetivo é diminuir a autonomia das mulheres sobre seus corpos, as submetendo a meros acessórios do poder masculino.

Além disso, como já mencionado, a maneira como José Albasini descreve as mulheres na crônica pode reforçar alguns estereótipos ligados ao gênero. Ele pode, por vezes, representar as mulheres como cuidadoras incondicionais e fraternais, sem explorar a diversidade de suas subjetividades e aspirações individuais. Isso pode contribuir para a ideia equivocada de que as mulheres devem ser subservientes e devotadas aos homens, alimentando a narrativa da submissão feminina.

Embora os seus textos sejam significativos para compreender Moçambique neste período, é importante abordar essas complexidades e contradições na escrita de Albasini, a fim de promover uma discussão mais ampla sobre as questões de gênero e de representação feminina em suas obras, como também na literatura em geral.

Nesse passo, a crônica XII também pode ser analisada como um exemplo de como o autor, em determinados momentos, contribui para reforçar uma perspectiva essencialista sobre o imaginário social feminino. Assim, o trecho “(...) Não há mais que dizer da Missão de Magudo; todo o trabalho está à vista, restando somente que se acabe o grandioso edifício destinado à educação de meninas que é, a meu ver, por onde se deve começar todo o trabalho de civilização em África, para depois se estender aos homens(IDEM, p,71)”, aborda a preocupação interessante com o investimento em uma educação para mulheres, o que pode ser interpretado como o perpetuar de determinados lugares comuns às mulheres, relegadas a determinados papéis tradicionais, como o de que elas devem ser boas educadoras para o lar e boas “donas de casa.”

O foco na educação das mulheres, com a intenção de que elas se tornem boas educadoras para os filhos e donas de casa exemplares, perpetua a visão reducionista de que o valor das mulheres está intrinsecamente ligado à sua capacidade de cuidar do lar e da família. Mais uma vez, essa abordagem desconsidera a diversidade de aspirações, de desejos e das particularidades das mulheres, reduzindo-as a um único papel ligado à “maternidade” na

sociedade. Além disso, sugere que a principal ou única ambição "aceitável" para as mulheres é a de ser uma mãe e esposa devotada à família e à moral.

Ao limitar a educação das mulheres a esse propósito, o escritor fortalece a manutenção dos sistemas de dominação que operam a favor da subalternidade feminina, no qual as mulheres são incentivadas a se concentrar exclusivamente em funções domésticas e maternais. Isso não apenas reforça o papel secundário das mulheres, mas também restringe seu acesso a oportunidades educacionais e profissionais que poderiam permitir-lhes uma variedade mais ampla de escolhas e contribuições na sociedade.

Em resumo, embora a obra de José Albasini possa trazer à tona aspectos significativos para se compreender a condição da mulher; o contexto de saúde do escritor (e sua relação com sua memória ancestral na busca pela cura durante suas viagens) e da vida social e política em Moçambique, também é importante reconhecer que seu trabalho traz considerações relevantes sobre o recrudescimento da sacralidade e do sacrifício feminino em torno dos moldes patriarcalistas.

#### **4. A AMPLA PÉLVIS DETERMINA A MULHER PARA A MATERNIDADE: A (RE)PRODUÇÃO DE UMA CABO-VERDIANIDADE FILHA**

O Movimento Claridoso foi um movimento literário que surgiu em Cabo Verde na década de 1930, em torno da revista "Claridade" - um importante suplemento cultural de denúncias das precárias condições de vida da população sob o colonialismo, desempenhando também um papel de luta contra a censura imposta pela ditadura de Salazar em Portugal e na recuperação das raízes culturais cabo-verdianas. O que o tornou inovador foi seu foco na expressão da identidade cabo-verdiana, conhecida como "cabo-verdianidade" na literatura.

Os membros do Movimento Claridoso, incluindo autores como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, buscaram refletir sobre as questões específicas de Cabo Verde, como a cultura, a história e as experiências do povo cabo-verdiano, ligadas, por exemplo, à seca e à preocupação etnográfica. Eles tentaram se afastar das influências culturais estrangeiras e da imitação de modelos literários europeus e, em vez disso, buscaram criar uma literatura que refletisse a realidade local e as vozes da sua própria nação.

Através da revista "Claridade", o movimento promoveu um renascimento literário em Cabo Verde, dando ênfase à língua crioula cabo-verdiana (kriolu) e explorando temas relacionados à vida cotidiana, a cultura cabo-verdiana e a herança africana, desempenhando,

assim, um papel significativo na (re)afirmação da identidade cultural do país e na valorização da "caboverdianidade" na literatura, comprometida em construir uma identidade própria.

Dessa maneira, a literatura contribuiu para a consolidação de uma classe dominante que, posteriormente, utilizaria para defender seus elementos e interesses específicos com base em um ideal de povo e de nação, isto é, em um ideal de unidade, pensando na reivindicação de sua diversidade linguística, e cultural.

A formação do Estado-nação cabo-verdiano surge em um momento de grande turbulência nacional e internacional. No cenário nacional, nota-se uma efervescência de políticas identitárias em torno da confabulação de um ideal de país que fosse fora da racionalidade ocidental. Dentro desse campo de disputas, as contradições se misturam para construir o que se entende por "mestiçagem"- um conceito que permanece muito vivo, inclusive, na tradição intelectual brasileira-, uma vez que, na condição de território colonizado, foram impostas tradições e costumes portugueses à população originária, assim como ocorreu aqui no Brasil.

Nesse contexto, há um processo de formação que, na verdade, não reclamava uma visão unificadora e isolada de cada identidade, mas, sim, sua coautoria - a cabo-verdiana. Assim, tal qual outros países de língua portuguesa, o arquipélago também foi explorado e sofreu com a ditadura imposta pelo colonizador português, entretanto, os conflitos foram menos sangrentos do que, por exemplo, os de Angola e de Moçambique, onde as investidas foram bélicas e se estenderam aproximadamente de 1961 a 1974. No cenário internacional, o momento, não muito diferente do nacional, também é de conflitos, tendo em vista, como por exemplo, a iminência da Ditadura Salazarista; a ascensão do nazi-fascismo; a queda da bolsa de Nova Iorque e a Guerra Civil Espanhola.

A atitude dos escritores e cofundadores da *Claridade*: Manuel Lopes (1907-2005), Jorge Barbosa e Baltasar Lopes (1907-1989) em construir uma produção literária desencadeadora do processo de autoconhecimento elucidada o descortinar de uma consciência social diante da realidade do arquipélago. Nas palavras de Baltasar Lopes, conforme incorporado no texto de Manuel Ferreira (1997):

Uma tomada de consciência regional muito nítida se instala nos escritores de Cabo Verde, que decidem romper com os arquétipos europeus e orientar a sua atividade criadora para as motivações de raiz cabo-verdiana. Não é ainda uma posição anti-colonial. Não é ainda, nem nada que se pareça, algo que tenha a ver com a idéia de independência política ou nacional (FERREIRA, 1977, p. 37-38 apud COIMBRA, 2001, p. 31).

Assim, pode-se perceber que apesar de ser notório um certo tom progressista na escrita cabo-verdiana, ainda é visível uma perspectiva lusotropicalista.<sup>3</sup> Nesse sentido, o que se objetiva a partir da leitura da Revista *Claridade* é trazer algumas reflexões sobre os seus dois primeiros números (1936/1937) - porque os próximos números já são do final da década de 40 em contexto efetivamente diferentes, dada a luta anticolonial de maneira mais preponderante.

Diante desse panorama mais incisivo no que diz respeito às inovações trazidas pela *Claridade*, é perceptível algumas mudanças mais “positivas” também quanto aos inventários relacionados às imagens do feminino, ou melhor, das feminilidades. Em contrapartida, é evidente que essas inovações não rasuram a tessitura patriarcalista e colonial que forjam as identidades e subjetividades, uma vez que os sujeitos masculinos (escritores) estão inseridos em um sistema no qual a lógica é binária e unificadora e, portanto, apartada dos processos de subjetivação de cada indivíduo. Para comprovar esse pensamento, Oyèronké Oyêwùmí afirma:

A universalidade atribuída à assimetria de gênero sugere uma base biológica no lugar de cultural, uma vez que a anatomia humana é universal, enquanto as culturas falam por meio de uma miríade de vozes. Que o gênero seja socialmente construído significa que os critérios que compõem as categorias masculino e feminino variam em diferentes culturas. Se isto é assim, então se problematiza a noção de que existe um imperativo biológico em funcionamento. Então, a partir dessa abordagem, as categorias de gênero são mutáveis e, como tal, o gênero é desnaturalizado (OYÈWÙMÍ, 2021, p, 38, 39)

Desse modo, a fim de pensarmos algumas questões relacionadas às representações do feminino na literatura cabo-verdiana por meio da Revista *Claridade*, faremos uma análise a partir de dois poemas.

O primeiro deles é de Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltasar Lopes), intitulado “mamã”. Em primeira instância, uma possível leitura do título já nos leva para um imaginário de África associado à mãe e à terra, imaginário esse que reafirma a ideia de uma figura feminina sacralizada. Ou seja, nesse período, marcado pela descoberta da origem e do solo pátrio, surge uma poética de evocação e exaltação à “Mãe-África”, essa que busca resgatar as raízes africanas encobertas pelos séculos de assimilação cultural. A exemplo disso, em um dos trechos do dado poema, leia-se:

Mamã - Terra,  
disseram-me que tu morreste

---

<sup>3</sup> O lusotropicalismo é uma teoria desenvolvida pelo sociólogo português Gilberto Freyre, que sugere a existência de uma suposta harmonia racial e cultural nos países de língua portuguesa, baseada na “miscigenação” e na convivência pacífica entre diferentes etnias. Esta teoria foi controversa e criticada por simplificar e idealizar as relações raciais e sociais nos países lusófonos.

e foste sepultada numa mortalha de chuva,  
 O que eu chorei!  
 (CLARIDADE, 1936, p. 7- 9)

Em “mamã”, Osvaldo aborda a violência da colonização praticada pelos europeus contra os africanos, o que pode ser evidenciado pelo vocábulo “mortalha” empregado no texto. No entanto, no decorrer da leitura há uma perspectiva de esperança abraçada pela ideia da mãe, aquela que consola e acolhe seus filhos nos momentos de angústia. Desse modo, esse desejo de retorno à Mãe-África é um desejo do sujeito poético de querer empreender uma viagem de retorno ao seu paraíso perdido (à Mãe-África), como exemplo dessa ilustração: “(...) Amanhã, quando saíres, eu pegarei o seu balaio e irei atrás de ti e tu sorrirás para todo o povo que vier te pedir-te a benção”, o que podemos chamar de “simbologia uterina” (SOUZA, 2015), simbologia essa que será mais visibilizada na literatura nas décadas posteriores, como na “literatura de combate” – mas que aqui já traz essa inovação.

O segundo poema é de Jorge Barbosa, intitulado “poema” (CLARIDADE, 1936, p. 7 - 9), na interposição do outro, trabalha com as temáticas da evasão, da partida e do dilema da migração cabo-verdiana. Dessa maneira, o elemento “mar” será um elemento importante para se pensar a constituição cultural cabo-verdiana. Neste poema, percebe-se a presença de uma personagem que, na concepção do eu-lírico, é pura, santa, casta, ou seja, mais uma vez utópica e idealizada e inalcançável, uma vez que por meio de associação com o “mar”, ele diz que ela levantava os olhos apenas para apreciar a vista marítima e que nunca seria para ele. Conforme ilustrado no seguinte trecho: mas ela não levantava os olhos do livro que tinha na mão/ ou se os levantava/ ao voltar uma folha/ era apenas para olhar de soslaio/ o panorama marítimo da baía.”

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UM LUGAR EM QUE AS BARREIRAS COLONIAIS NÃO NOS REDUZA À INSTÂNCIAS FIXAS**

Ao finalizar a presente revisão crítica das obras analisadas, evidenciou-se que a discussão a respeito das representações do feminino nas produções literárias africanas de língua portuguesa da primeira metade do século XX, especificamente, de Moçambique e Cabo-Verde, demonstra que os inventários construídos acerca do gênero “mulher” possuem e reafirmam um imaginário único e fixo sobre essas identidades, ligados, por exemplo, à bondade, à sensualidade, à selvageria, entre outros arquétipos sociais cristalizados. E, muito

embora a partir da Revista Claridade, aconteçam algumas viradas de narrativas na tentativa de, uma maneira consideravelmente hiperbólica, colocar a mulher em um posição de a “salvadora” da nação, ainda assim, corrobora para um ideal de mulher dentro da racionalidade colonial, patriarcal e tradicionalista em que não há espaços para que se possam escoar as nossas multiplicidades e subjetividades.

Nosso objetivo aqui foi apresentar as diversas representações do feminino, de diferentes geografias literárias, Moçambique e Cabo-Verde, para que o leitor compreenda como os efeitos da colonização corromperam o imaginário imposto aos corpos feminilizados. Acreditamos, pois, que tais narrativas, quando rompidas com o lugar comum destinado às mulheridades em nossa cultura, recriam possibilidades diferentes de identificação para nós, além de nos humanizar e de nos ampliar, fora da lógica hierarquizadora do mundo ocidental, que se reproduz na forma como lemos os corpos e na forma como lemos o mundo (OYĚWÙMÍ, 2017).

Nessa perspectiva, adotamos o entendimento de que o debate contra-hegemônico deve ser entendido como um instrumento de luta e conscientização contra as narrativas essencialistas sobre nossas identidades, criando, assim, práticas libertárias para a criação de novas ontologias e novas epistemologias. Logo, essa revisão de conceitos deve passar, especialmente, pela linguagem e pelo discurso, com a finalidade de que, dentro do campo literário, a história das narrativas únicas e totalizantes sejam questionadas, uma vez que as “rotas de fuga” existem para que nós possamos escapar à norma “bio-lógica”, cuja intenção é tentar nos delimitar e nos controlar. E é por meio da linguagem que esse movimento pode vir a ser, é por meio da linguagem e da desestabilização de certas categorias que se torna possível fomentar outras formas de vida para nós, mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ALBASINI, João. **O livro da dor: cartas de amor**. Moçambique: Tipografia Popular, 1925.
- ALBASINI, José. À procura de saúde. Crónicas de um doente. **O Brado Africano**. Lourenço Marques, 1934.
- AAVV. **Claridade: revista de arte e letras**. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1986.
- ANDRADE, Mário Pinto. **Origens do nacionalismo africano**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- BRAGA-PINTO, César (Org.). José Albasini. **À procura de saúde: crônicas de um doente (1935)**. Maputo: Alcances Editores, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Manuel. **A Aventura Crioula ou Cabo Verde uma síntese cultural e étnica**. 2. ed. Lisboa: Plátano, 1973.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.
- KLOBUCKA, Anna M. **O formato mulher**. Emergência da autoria feminina na poesia portuguesa. Portugal: Angelus Novus, 2010.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- NUNES, Silvia Alexim. Nunes, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha : um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000, p. 255.
- NHAMONA, Elídio Miguel Fernando. **Dialética das formas literárias: Uma interpretação de O Livro da Dor, Godido e Outros Contos de Chitlango, Filho de Chefe**. 2016. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké'. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Riode Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ROCHA, Ilídio. **A imprensa em Moçambique**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

SAMPAIO, A. **Palavras Cínicas**. São Paulo: Bira Câmera Editor, 2012.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Travessia e rotas das literaturas africanas de língua portuguesa (das profecias libertárias às distopias contemporâneas)**. Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, n°1, 2002, p. 91-113.

SOUZA, Larissa Silva Lisboa. **Corpos ultrajados e suas representações em crônicas de Ana Paula Tavares**. São Carlos: UFSCar, 2015. Dissertação de Mestrado em Estudos de Literatura.[

\_\_\_\_\_ À procura de Moçambique: José Albasini e o corpus de um tuberculoso. **Revista Mulemba**, [S.L.], v. 11, n. 20, p. 49-61, 6 ago. 2019. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernaculas - PPGLEV.

\_\_\_\_\_. **Utopias no Universo distópico: A escrita de autoria feminina em Moçambique**. 2020. 168f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Schmidt, Elizabeth. **Race, Sex, and Domestic Labor: The Question of African Female Servants**, in Southern Rhodesia, 1900-1939. In: Hansen, Karen Tranberg (ed.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1992.

ZAMPARONI, Valdemir D. **De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique**. Salvador: Edufba; CEAO, 1997.

\_\_\_\_\_. **Entre Narros e Mulungos: colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques**, Moçambique, c. 1890-c. 1940. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: USP, 1998.